



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Jornalismo investigativo e as relações com o empreendedorismo

Gustavo Panacioni¹
Felipe Harmata Marinho²

Resumo

Este trabalho discute o jornalismo investigativo sob a ótica do empreendedorismo. O artigo defende que a proposição de uma pauta investigativa dentro de uma redação pode ser encarada como uma atitude empreendedora. Os conceitos de jornalismo investigativo e de empreendedorismo são apresentados e contextualizados a partir da consulta a profissionais de jornalismo investigativo de Curitiba.

Palavras-chave

Jornalismo investigativo, empreendedorismo, jornalismo guiado por dados

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é entender quais são as principais características presentes nos profissionais que praticam o jornalismo investigativo. Ou quais tipo de conduta predominam em quem trabalha com o jornalismo a partir do viés investigativo. O que é preciso para que o profissional de um meio de comunicação atue nesse segmento de mercado? Será que apenas o conhecimento técnico – como por exemplo, a análise de banco de dados ou boa apuração – são suficientes ou é necessário algo mais? Na primeira parte, este trabalho explica quais são as principais definições de jornalismo investigativo. Pretende-se mostrar que o profissional investigativo precisa sempre ter em mente uma noção ética de trabalho, juntamente com a necessidade de atuar diante da pressão do tempo imposta pela maioria dos veículos de comunicação. Qual é a prioridade que uma matéria que leva tempo e exige recursos para ser estruturada, bem apurada e pensada ganha em meio a tantas possibilidades de apuração da informação?

Para responder a essas questões, o trabalho buscou referências bibliográficas que descrevem o que pode ser considerado jornalismo investigativo e que tipos de

¹ Aluno do 3º ano do curso de jornalismo da Universidade Positivo. Formado em Publicidade e Propaganda e especialização em Gestão de Projetos pela UP. E-mail: gustavopanacioni@gmail.com.

² Professor de Jornalismo e Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG e jornalista pela BandNews FM. E-mail: feharmata@yahoo.com.br.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

discussões e dilemas estão presentes na produção dessa atividade jornalística. Num segundo momento, partiu-se para uma pesquisa de campo, através de entrevistas com pessoas reconhecidas no setor, para tentar entender algumas características em comum citadas por esses profissionais. Foi uma pesquisa de caráter experimental.

Além de indagações sobre o uso de tecnologias, como a RAC (reportagem por auxílio de computador), ou sobre o estilo de apuração de pautas, a conversa com os principais atores do jornalismo investigativo paranaense também abordou temas mais intuitivos e humanos do jornalismo investigativo. A intenção foi tentar perceber competências aparentemente não ligadas à profissão e que, por esse motivo, acabam não sendo discutidas dentro de sala de aula ou no mercado de trabalho. Para isso, foi necessário fazer um levantamento de informações e possíveis nomes com vivência notável no jornalismo investigativo.

A escolha começou pela análise de nomes de destaque na profissão e seguiu para uma definição da amostra estabelecida principalmente pela rede de contato dos pesquisadores deste artigo. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, era desejável obter-se proximidade natural, através da rede de indicações, para conseguir uma conversa de qualidade com os profissionais. Dentro dessas especificações, destaque na profissão, rede de contatos e indicações, foram definidos dois profissionais para participar da pesquisa qualitativa: os premiados repórteres da Gazeta do Povo, jornal de Curitiba, Katia Brembatti e Mauri König.

Integrante de um grupo de quatro jornalistas responsáveis pela série de reportagens Diários Secretos, sobre um grande esquema de corrupção na Assembleia Legislativa do Paraná, Katia Brembatti participou de outras matérias investigativas. Katia Brembatti formou-se em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2001 e atuou como repórter política no Jornal da Manhã, no estado do Paraná. Em 2008, através de uma reportagem sobre a ilegalidade na promoção de desembargadores do Tribunal de Justiça do Paraná, registrou em cartório o resultado da eleição dos novos desembargadores antes mesmo de o processo eleitoral acontecer. Assim Katia conseguiu comprovar as irregularidades no sistema que selecionava e promovia os novos desembargadores. Com essa matéria, Katia ganhou o Prêmio de Jornalismo da AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros).



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

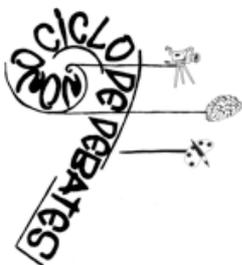
UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

O segundo jornalista escolhido para a pesquisa foi Mauri König, que começou a carreira de jornalista em 1991, mesmo não tendo graduação na área. Por seis anos, pelo jornal O Estado de S.Paulo, Mauri atuou como repórter na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, cobrindo longos conflitos de terra entre paraguaios e imigrantes brasileiros. Foi na Folha de Londrina que Mauri começou a atuar como jornalista investigativo, nas horas vagas, e a sugerir pautas ao editor apenas quando bem apuradas. Com isso conseguiu conquistar espaço e tempo junto ao editor para a produção de matérias especiais. Em 2012, junto com três outros jornalistas, Mauri foi um dos responsáveis por denunciar um esquema de corrupção na Polícia Civil do Paraná. Em virtude dessas novas publicações, Mauri foi ameaçado de morte e passou dois meses fora do país.

O presente trabalho buscou fugir dos padrões clássicos de metodologia em comunicação e procurou buscar diferentes fontes de abordagem. Para direcionar esta linha de raciocínio, a base deste artigo é a tese chamada de *Effectuation*, de Saras Sarasvathy, que explica de forma interdisciplinar o que move uma pessoa a criar e empreender projetos, além da diferente perspectiva que o repertório de vida do empreendedor promove ao projeto. Cada pessoa aborda um mesmo assunto de maneira diferente e esse fator é considerado importante para entender o que motiva um jornalista investigativo a dedicar horas do seu tempo a uma reportagem.

Saras descobriu, ao longo de sua pesquisa, que no empreendedor existem três pilares principais que interferem em um projeto ou empreendimento: “Quem você é”, “O que você sabe” e “Quem você conhece”. Considerando que um jornalista investigativo, ao pensar e propor uma matéria fora do eixo cotidiano de uma redação, também atua de forma empreendedora, este artigo procurou utilizar os três eixos do *Effectuation* como metodologia de pesquisa, auxiliando a entender como o perfil pessoal de um profissional pode transformá-lo em um jornalista investigativo.

A proposta deste artigo então, a partir da linha teórica defendida até o momento, é centrada na execução desta ciência mais próxima de entender as pessoas e o que as motiva na execução de determinadas ações. O jornalismo investigativo acontece a partir de diversas características, mas sem a motivação interna do profissional, pode não existir.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo pode ser considerado diferente do jornalismo praticado diariamente por abordar temas de uma maneira mais específica e elaborada. Ao contrário das matérias e reportagens factuais, o jornalismo investigativo precisa de tempo para ser executado. “De uma maneira sintética, é possível entender o jornalismo investigativo como uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres”. (AGUIAR, 2006)

O longo tempo de trabalho, comentado por Leonel Azevedo Aguiar, é decorrente da quantidade de informações que uma matéria investigativa necessita para poder existir. O jornalista investigativo precisa apurar as informações de maneira assertiva para que a reportagem não seja passível de erros ao ser publicada. Essa preocupação existe porque o foco do jornalismo investigativo, independentemente da editoria que divulga o trabalho, é “apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade”. (AGUIAR, 2006)

Por se tratar de um produto que tem como principal característica a denúncia, o jornalismo investigativo baseia-se essencialmente em uma coletânea de dados e provas que desvendam algum fato que pode estar escondido ou simplesmente pode não ser percebido por todos. É o que mostra Alexandre Carvalho et al (2010), abordando que “alguns teóricos defendem que o termo ‘reportagem investigativa’ é redundante, já que toda reportagem denota investigação. Nós defendemos que vai além do relato dos fatos e revela algo até então escondido”.

O trabalho do jornalista investigativo concentra-se, então, em, primeiramente, conseguir os dados e as informações. É só depois de ter todos esses elementos na mão que o repórter passa para a segunda fase do trabalho, que consiste em, diante da pesquisa feita, confrontar as pessoas responsáveis. Diferentemente de uma entrevista



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

comum, em que o contexto fica em torno de um estilo de pergunta como “o que o senhor tem para mim sobre esse assunto”, a entrevista de uma reportagem investigativa parte para o conceito de “a partir desses resultados, o que o senhor vai fazer sobre esse assunto”.

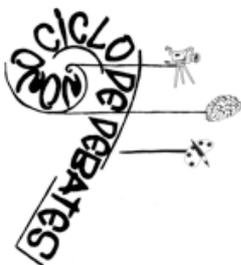
Fazer jornalismo investigativo significa estar bem próximo de problemas que muitas vezes são deixados de lado pelos poderes públicos. O papel do jornalista investigativo é, então, evidenciar essas questões de maneira acessível e, principalmente, ética. Leonel Azevedo de Aguiar cita, em seu artigo *O Jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade*, que “o jornalismo investigativo é a divulgação de informações, no gênero narrativo ‘reportagem’, sobre as ações das instituições governamentais ou de empresas privadas que sejam prejudiciais ao interesse público e afetem a sociedade”. (AGUIAR, 2006)

O trabalho do profissional que dedica-se ao jornalismo investigativo passa então a ser um trabalho de atuação pró-ativa, que não pode depender apenas das denúncias que recebe. É dever do profissional responsável pela apuração daquelas informações checar e não se contentar apenas com a primeira fonte entrevistada e, conseqüentemente, com as declarações apresentadas.

Uma reportagem investigativa pode até ter início com denúncias que chegam às redações, mas não deve se basear exclusivamente nelas: é indispensável uma sólida pesquisa por parte do repórter, que vai buscar a informação de fontes primárias e não se contenta com as versões ou com as fontes secundárias. (AGUIAR, 2006)

É comum, em uma redação de jornal, o jornalista investigativo conquistar o seu espaço através da pesquisa e apuração de pautas que ele mesmo pensa, idealiza e tenta viabilizar pelas ferramentas que possui, sem necessariamente ter o aval de um editor-chefe ou da cúpula administrativa e também o investimento necessário para a realização da matéria. “Não conheço nenhum jornalista investigativo preguiçoso (...) e não conheço nenhum que tenha recebido a pauta. Todas as pautas que o jornalista investigativo faz foi ele quem cavoucou, foi ele quem descobriu”, explica Katia Brembatti durante a entrevista qualitativa.

Ao abordar essa característica de pró-atividade citada por Katia, é possível perceber a competência empreendedora por parte dos jornalistas investigativos para a



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

aprovação de uma matéria. Antes de poder atuar com uma pauta investigativa, o jornalista deve criar esse ambiente, que seja a favor dele, para propor uma pauta que seja aceita pelo editor-chefe, normalmente responsável por essas decisões. Ao pesquisar, ler, apurar, conferir e investigar um tema que possa ser transformado em matéria, o jornalista está empreendendo um projeto próprio, que pode ou não ser publicado, pode ou não dar certo.

O jornalista assim como um empreendedor, deve criar e fazer um projeto acontecer a partir de uma iniciativa e vontade próprias. Quando não há uma liberação por parte da chefia para se dedicar a uma matéria investigativa, por exemplo, o jornalista precisa conquistar a confiança de seu editor. Dessa maneira, assim como o empreendedor, ele trabalha sem qualquer previsão ou segurança de retorno daquele tempo e, muitas vezes, dinheiro investido, para poder coletar dados suficientes que convençam que a matéria vale a publicação.

Então, a partir da segunda parte deste artigo, pretende-se abordar o conceito de *Effectuation* para explicar algumas das competências que um jornalista investigativo pode desenvolver para poder atuar de maneira assertiva dentro desse ramo. A partir da análise da entrevista qualitativa feita com Mauri König e Katia Brembatti, chegou-se a um extrato de algumas categorias cognitivas que estão presentes no jornalismo investigativo e que acompanham de perto as características do conceito de empreendedorismo. São algumas capacidades que podem ajudar a transformar o profissional atuante no jornalismo em um repórter mais próximo do jornalismo investigativo, com a responsabilidade e vontade de executar uma matéria que exige comprometimento e dedicação antes de ser publicada.

1.2 EMPREENDEDORISMO E EFFECTUATION

A característica de empreendedorismo está ligada à capacidade de realização e mobilização de recursos e competências em prol de um objetivo pessoal ou profissional. A palavra empreender, em sua essência, corresponde ao significado de “decidir realizar tarefa difícil e laboriosa” (MAXIMIANO, 2006). Apesar de ter uma ligação direta com o mundo dos negócios, ou de criar e gerenciar uma empresa, os



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

empreendedores são pessoas capazes de combinar fatores para realizar projetos em qualquer área da vida, seja na hora de criar uma empresa ou simplesmente organizar e produzir um novo projeto dentro de uma empresa em que a pessoa já se encontre presente.

“O empreendedor, em essência, é a pessoa que tem capacidade de idealizar e realizar coisas novas. Pense em qualquer pessoa empreendedora que conheça e você identificará nela a capacidade de imaginar e fazer as coisas acontecerem” (MAXIMIANO, 2006). Além de trabalhar para a realização das ideias que imagina, o empreendedor também tem a habilidade de saber trabalhar com os riscos que um novo empreendimento traz.

(...) as habilidades do empreendedor em interpretar as situações de risco corretamente e depois lidar com elas traçando estratégias para minimizar ou eliminar o risco, enquanto está em busca de seus objetivos, é essencial para o sucesso do empreendedor; porém a pessoa que tiver a habilidade de medir corretamente o risco, mas não tiver a habilidade de eliminá-lo ou de minimizá-lo não deveria ser classificado de empreendedor. (ANDRADE, 2008)

Essa habilidade a que João Carlos de Andrade se referencia não está ligada apenas a utilização de ferramentas técnicas para a avaliação dos riscos, mas também com a capacidade de cada empreendedor, em um nível psicológico que influencia na atividade econômica. A pesquisadora Saras Sarasvathy, doutora da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, estudou o empreendedorismo e chegou a um conceito que ela chamou de *Effectuation*. Para Saras, *Effectuation* define os empreendedores que começam e conduzem um projeto sem contar especificamente com pesquisas de mercado e outras informações quantitativas. O projeto acontece com base em ferramentas que o empreendedor tem, e não do que ele precisa conseguir para executar.

Problemas causais são problemas de decisão; problemas *effectuation* são problemas de design. Lógicas causais ajudam-nos a escolher, lógicas *effectuation* ajudam-nos a construir. Estratégias causais são úteis quando o futuro é previsível, metas são claras e o ambiente existe independente de nossas ações; estratégias *effectuation* são úteis quando o futuro é imprevisível, metas são incertas e o ambiente é conduzido pelas ações humanas. O ator causal começa com um objetivo que quer criar e pergunta, “O que eu devo fazer para alcançar esse objetivo?”. O *effectuator* começa com suas habilidades e pergunta, “O que eu posso fazer com essas habilidades?”. E aí



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

novamente, “O que eu posso fazer com elas?”. (SARASVATHY, 2008)³

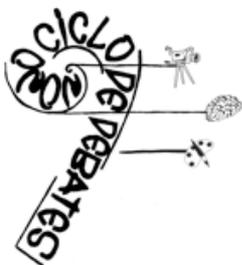
O conceito de *Effectuation* defende que, para empreender, o ator baseia-se principalmente em competências cognitivas. Ele dedica-se a conhecer e entender quais são suas habilidades para poder consolidar seus projetos utilizando essas competências como base. “‘Como eu me torno um empreendedor de sucesso?’ é a pergunta errada. Perguntas mais interessantes incluiriam: ‘Considerando quem sou eu e quem eu quero ou não quer ser, que tipo de empreendedor eu posso me tornar?’” (SARASVATHY, 2008).

Analisando sob a ótica do jornalismo investigativo, o repórter que atua nessa área acaba concretizando as teorias do *Effectuation* ao dedicar-se à investigação de assuntos que sejam importantes e façam parte do repertório de vida dele. Katia Brembatti reafirma essa postura ao explicar que o que a levou ao jornalismo investigativo foi sua preferência por matérias políticas. “É mais por conta dos assuntos que me interessavam, a minha relação com fontes e o que essas pautas me exigiam. Ninguém gosta de ler diários oficiais, eu sempre gostei de ler diários oficiais. Sempre gostava de ir nas licitações, ver quem eram as empresas que estavam assinando o que e quem estava fazendo proposta do quê”, diz Katia.

Outro importante aspecto semelhante entre *Effectuation* e jornalismo investigativo é a falta de certeza que a apuração de uma matéria investigativa carrega. O repórter não tem segurança se sua reportagem será publicada e, por isso, trabalha no cenário de um futuro incerto, aquele mesmo citado por Saras Sarasvathy ao explicar a diferença entre um empreendedor comum e um empreendedor que atua de acordo com os princípios do *Effectuation*. Com esse resultado indefinido, o jornalista precisa confiar no seu trabalho e, acima de tudo, apurar da maneira mais completa possível, conseguir o maior número de provas e informações para poder definir o futuro que ainda, e até o último instante, costuma ser incerto.

Para tentar comprovar a diferença que a visão de mundo individual causa no resultado de um projeto, Saras deu um mesmo produto para 27 empreendedores, selecionados previamente. Esses 27 indivíduos devolveram para Saras 18 ideias

³ Tradução livre do original: “Causal problems are problems of decision; effectual problems are problems of design. Causal logics help us choose; effectual logics help us construct. Causal strategies are useful when the future is predictable, goals are clear, and the environment is independent of our actions; effectual strategies are useful when the future is unpredictable, goals are unclear and the environment is driven by human action. The causal actor begins with an effect he wants to create and asks, ‘What should I do to achieve this particular effect?’ The effectuator begins with her means and asks, ‘What can I do with these means?’ And then again, ‘What else can I do with them?’”



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

diferentes de negócios para serem criados a partir daquele mesmo produto. Depois de conversar com essa amostra de empreendedores para tentar entender o motivo de tantas ideias de negócio diferentes geradas a partir de um mesmo incentivo, de um mesmo produto, Saras chegou a três eixos que impulsionam o empreendedor para ter ideias e criar um projeto: quem você é, o que você sabe e quem você conhece. É a partir desses três pilares que o empreendedor cria o seu produto, serviço ou empreendimento.

“Quem você é” define as características pessoais do empreendedor. “O que você sabe” resume o que o empreendedor sabe fazer, quais as experiências que adquiriu ao longo da vida e que tipo de educação formal ou informal recebeu até aquele momento. “Quem você conhece” define a rede de contatos, parceiros e quem poderia, de certa forma, incentivar a criação do projeto e/ou empreendimento.

“Quando você se concentra profundamente em uma história, um buraco de rua pode render uma matéria de jornalismo investigativo. Não é a pauta em si que faz”, cita Katia Brembatti, ao comentar que um importante papel do jornalista investigativo é perceber a potencialidade de investigação em pautas que outros jornalistas acham chatas ou sem qualquer furo jornalístico aparente.

“Naquela época eu ainda não tinha feito a faculdade de jornalismo. Eu trabalhava já havia 8, 9 anos com jornalismo, mas ainda não tinha feito a faculdade de jornalismo. Foi uma coisa mais por intuição”, conta Mauri König. Katia Brembatti não foi apresentada ao termo jornalismo investigativo na universidade. “Eu não sabia que existia jornalismo investigativo. Na faculdade ninguém me disse que existia. Eu acho que já fazia jornalismo investigativo antes de saber que isso já existia”, conta Katia.

Mauri König e Katia Brembatti explicam que a entrada no meio investigativo, por mais natural que tenha acontecido, também contou com a influência de outros profissionais do mercado. “A primeira reportagem que dá pra dizer investigativa que eu fiz, eu já tinha de oito para dez anos de profissão. Foi quando um colega jornalista do Paraguai me propôs a investigação de um caso envolvendo a máfia chinesa atuando no comércio da Ciudad del Leste no Paraguai. A gente teve que adequar a minha rotina de trabalho a dele para a gente trabalhar esse assunto em conjunto”, explica König.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Esses são os três fatores que determinam um diferente destino e distintas formas de perceber o mundo e atuar em um projeto. É o que define a pluralidade de opiniões e garante, por exemplo, que um mesmo produto gere mais de uma ideia diferente de negócio a partir da visão de diferentes empreendedores ou jornalistas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS OU PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de um artigo que busca entender as principais motivações de um jornalista investigativo, é necessário partir para uma pesquisa que aborde a interdisciplinaridade e possa detectar as diferentes características presentes na área profissional deste objeto de pesquisa. Para isso, a proposta formata-se sobre o parâmetro de pesquisa qualitativa, visando concentrar-se em poucos entrevistados, mas com aprofundamento importante para perceber as nuances do tema em questão. Segundo Antônio Carlos Gil, o instrumento usado neste artigo pode ser caracterizado como uma entrevista parcialmente estruturada “que possui algumas perguntas previamente definidas, mas há margem para novas discussões a partir da entrevista.” (GIL, 2008)

A pesquisa foi definida em cima de cinco perguntas principais desenvolvidas de acordo com o estudo do objeto. As perguntas foram feitas pessoalmente aos entrevistados, de maneira que fosse possível a interação, com a possibilidade de tornar a conversa mais próxima de um diálogo informal. O entrevistador e entrevistado não precisavam ficar limitados com as perguntas e a função delas era apenas conduzir a conversa.

3 RESULTADOS OBTIDOS

Um dos principais pontos em comuns obtidos com a pesquisa, a partir dos dois entrevistados, foi o desconhecimento do termo jornalismo investigativo no início da carreira de cada um deles. O processo de prática do jornalismo investigativo e do conhecimento do termo pelos entrevistados veio aos poucos, com naturalidade e também com a influência das pautas que escolhiam para trabalhar. Ambos afirmaram



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

inclusive não saberem que estavam praticando jornalismo investigativo no início das carreiras, mas concordaram com o termo ao descobri-lo e percebê-lo como constante na maneira como apuravam suas pautas.

Outro aspecto interessante comentado pelos entrevistados é a necessidade de um profundo conhecimento sobre o tema em questão, em investigação. Para Katia Brembatti, é essencial que se conheça o tema a ponto de poder falar sobre ele por horas e horas. Mauri König também defende esse aspecto ao dizer que o investigativo surge de esgotar o assunto e também que ao perceber que existem outras maneiras de descobrir o que precisa-se descobrir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vai determinar se o jornalista vai atuar ou não com a ferramenta investigativa é sua capacidade empreendedora e o seu envolvimento com o tema abordado. Ou seja, a influência subjetiva nos empreendimentos, jornalísticos ou não, é notável e deve ser considerada inclusive para perceber se há incentivo suficiente para o jornalismo investigativo existir.

Entende-se, a partir do conteúdo apresentado e discutido neste artigo, que o que define o jornalista investigativo não é o conhecimento técnico de uma ferramenta específica ou de novas tecnologias. O que faz o jornalista tornar-se um jornalista investigativo é muito mais intuitivo e cognitivo do que qualquer abordagem prática. É preciso que o profissional investigativo tenha motivações que sustentem a busca por uma boa pauta, a insistência e capacidade de negociação que a profissão, em nível mais profundo, exige.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2006.

ANDRADE, João Carlos de. **Dimensões da prática empreendedora: um estudo empírico com analistas e empresários**. Curitiba: Universidade Positivo, 2008.



9º Ciclo de Debates sobre Jornalismo

UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

CARVALHO, Alexandre et all.. **Reportagem na tv: Como fazer, como produzir, como editar.** Editora Contexto. São Paulo, (2010).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

NAVES, Nilson. **Imprensa Investigativa: sensacionalismo e criminalidade.** Brasília: CEJ, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estud. av.* [online]. 1988, vol.2, n.2 [cited 2013-06-20], pp. 46-71 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso>.

SARASVATHY, Saras D. **Effectuation : elements of entrepreneurial expertise.** USA: University of Virginia, 2008.

ANEXO I – PERGUNTAS DA PESQUISA QUALITATIVA

- 1) Como chegou ao jornalismo investigativo?
- 2) Como aprendeu a fazer jornalismo investigativo?
- 3) Quais são as principais características que um jornalista investigativo deve ter?
- 4) Os profissionais e/ou estudantes são preparados para atuar no jornalismo investigativo?
- 5) Qual foi sua última vivência no jornalismo investigativo.